

Retrato da favela no diário de Carolina

Texto e fotos de AUDÁLIO DANTAS

A FAVELA do Casimé, em São Paulo, é o pequeno (e miserável) mundo de Maria Carolina de Jesus. Uma favela igual a todas as outras: suja, triste, turbulenta. E com a desvantagem de ter nascido na beira de um rio (o Tietê), que freqüentemente invade tudo com as suas águas carregadas das sujeiras da cidade. Carolina vive mal, como vivem todos na favela. Profissão, não tem. Apanha papéis nas latas de lixo da cidade. Nem sempre há o que comer (para ela e três filhos menores) em seu barraco. Mas ela aprendeu a "ver" além da lama da "rua" e dos barracos escuros: tem o seu mundinho interior, no qual, às vezes, há sol e nuvens coloridas. Escreve versos ingênuos, enche cadernos de sonhos. Mas não se limita a sonhar. Não esquece o mundo sórdido que a cerca, a miséria de seus irmãos favelados — a sua própria miséria. Maria Carolina tem em seu barraco uma dezena de cadernos cheios da vida da favela, um diário fiel, sem artifícios, do dia-a-dia de sua comunidade marginal. Há longos anos, ela vem escrevendo a respeito do seu pequeno mundo, "fotografando" misérias, desencantos e, até, pequenas alegrias. Porque, segundo ela mesma confessa, "a gente que mora na favela também tem dia de alegria".



CAROLINA MARIA DE JESUS vive num mundo de lixo e gases que ela remove com fidelidade. Seu diário constitui interessante documentação da vida na favela.